

# As consequências da globalização. Uma revisão sociológica do conceito

The consequences of globalization. A sociological review of the concept

Las consecuencias de la globalización. Una revisión sociológica del concepto

Recebido em 21-09-2019

Modificado em 14-06-2020

Aceito para publicação em 23-11-2020

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v8i1.35437>

152

---

**Everton Garcia da Costa** 

ORCID: 0000-0002-4446-2173

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil, professor substituto no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. E-mail: [eve.garcia.costa@gmail.com](mailto:eve.garcia.costa@gmail.com)

---

## Resumo

Este ensaio tem como objetivo principal construir uma reflexão sociológica acerca da globalização, sem dúvida, um dos conceitos mais empregados no vasto campo das ciências humanas e sociais no decorrer das últimas três décadas. A análise é conduzida com base no olhar teórico de autores que, de forma mais ou menos aprofundada, se dedicaram ao exame do tema em questão. Para tanto, foram escolhidos seis eixos de reflexão: 1- globalização e economia; 2- globalização e Estado; 3- globalização e relações tempo-espaço; 4- globalização e cultura; 5- globalização e mundo do trabalho; 6- globalização e educação. O intuito do trabalho é refletir, ainda que brevemente, sobre as consequências das forças da era global sobre essas diferentes dimensões da vida social.

Palavras-chave: Globalização; Sociedade; Modernidade.

---



## Introdução

Nos últimos trinta anos, o termo *globalização*, certamente, tornou-se um dos principais conceitos empregados no vasto campo das ciências humanas e sociais, especialmente, na sociologia. Uma rápida observação da literatura sociológica mais recente revela que esta noção vem sendo amplamente utilizada nos mais diversos campos de investigação da disciplina (sociologia da educação, do trabalho, do meio ambiente etc.). Todavia, como acontece com todo “conceito da moda”, não raramente o termo tem sido empregado de forma vaga, senão vazia, sem o devido rigor conceitual, sendo tomado, inclusive, como causa direta das mais diversas consequências sociais – sejam elas positivas ou negativas.

Para Giddens (2007), apesar de ser uma palavra fundamental para se compreender o cenário político, cultural e econômico contemporâneo, sendo debatida em todo o mundo, a globalização praticamente não fazia parte das discussões acadêmicas até o final da década de 1980. Consequentemente, em virtude de sua rápida popularização, o conceito nem sempre se apresenta de forma clara. Para os “céticos”, isto é, para a velha esquerda política, argumenta o autor, a globalização não passaria de um simples mito, uma pura ideologia propagada pelos adeptos do livre-mercado e do neoliberalismo, os quais desejam reduzir a atuação do Estado e os gastos públicos com sistemas de previdência social. Para os céticos, afirma Giddens, não há grande diferença entre o cenário econômico atual e o de épocas passadas, de maneira que os governos nacionais teriam ainda plenas condições de controlar a economia. Por sua vez, os “radicais”, isto é, os defensores da livre economia, partem de uma postura totalmente oposta: defendem que o desenvolvimento do mercado global fez com que os governos perdessem grande parte de sua soberania e capacidade de influenciar as decisões econômicas. A seu ver, finalmente chegamos à era do fim da soberania do Estado-nação.

Para além do escopo dessas abordagens radicais de cunho marcadamente ideológico, está o fato de que a globalização é um fenômeno complexo, que afeta, de diferentes modos, as mais variadas dimensões da vida social: política, economia, educação, trabalho, cultura, meio ambiente etc. Os processos globalizatórios vivenciados pelas sociedades modernas no decorrer das últimas três décadas caracterizam não apenas um fenômeno inteiramente novo, mas também revolucionário (Giddens, 2007), que vêm desafiando as ciências sociais, em especial, a sociologia.

Para Ianni (1994), a partir do final do século XX, as ciências sociais se defrontaram, pela primeira vez na história, com o desafio de pensar a sociedade em uma perspectiva global. Segundo o sociólogo brasileiro, na contemporaneidade, as estruturas econômicas, políticas,

históricas, culturais, sociais, linguísticas, artísticas, enfim, se desenvolvem cada vez mais em escala mundial. Dessa forma, o pensamento científico tradicional – historicamente organizado para pensar as sociedades em nível nacional – não consegue dar conta da complexidade inerente ao mundo global. Esse momento histórico, conforme o autor, marca uma profunda mudança epistemológica nas ciências sociais, em que o paradigma clássico da sociedade nacional começa a ser substituído pelo paradigma da sociedade global.

Partindo de tais considerações iniciais, este ensaio tem como seu objetivo central tecer uma reflexão e uma revisão sociológica em torno do conceito de globalização. De forma mais precisa, o intuito é desenvolver uma análise, com base no olhar teórico de alguns autores que se dedicam, de modo mais ou menos aprofundado, ao exame da temática em questão. Para tanto, foram escolhidos seis eixos de reflexão: 1- globalização e economia; 2- globalização e Estado; 3- globalização e relações tempo-espço; 4- globalização e cultura; 5- globalização e mundo do trabalho; 6- globalização e educação.

### **Globalização e economia**

Uma das principais marcas do mundo globalizado, sem dúvida, é o entrelaçamento das atividades econômicas locais, regionais e nacionais, constituindo um gigantesco sistema econômico global. A emergência desse sistema está vinculada, principalmente, ao desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação, as quais permitiram a informatização da economia. Como destaca Bauman (1999), hoje, uma informação compartilhada na rede foge completamente do controle de seu autor, bem como de praticamente qualquer tipo mecanismo de restrição. Liberdade muito semelhante vive o capital: viajando pelas redes eletrônicas, ele não possui local fixo, fugindo do controle dos governos e de várias das alavancas da política econômica nacional. Em uma mesma linha de raciocínio, Beck (1999) sustenta que a atividade econômica mundial se vê cada vez mais calcada sobre correntes monetárias transnacionais, dissociada de um substrato material e dissolvida em redes de informação digital.

Para Castells (2005), a emergência das redes tecnológicas levou a uma reestruturação sem precedentes das economias nacionais. Vale lembrar, nesse sentido, que para o autor, uma rede é um conjunto de nós interrelacionados, uma forma de organização social bastante antiga, mas que adquiriu novos contornos e dimensões desde o advento da internet. No que tange especificamente à economia, o desenvolvimento das redes se dá com a interconexão das atividades econômicas de diferentes agentes, dos mais localizados aos internacionais: bancos

e corporações financeiras, empresas nacionais e multinacionais, investidores individuais, governos etc.

O emprego das redes tecnológicas em setores da economia, defende Castells, levou a uma expansão impressionante na produção de alguns países. O autor destaca, por exemplo, que a taxa de crescimento de produtividade dos Estados Unidos no período entre 1996 e 2005 dobrou quando comparada ao período 1975 e 1995. Crescimento econômico semelhante apresentaram nações europeias, que também integraram suas economias em redes tecnológicas. “Por todo o mundo, economias em desenvolvimento que se articulam a si próprias com o núcleo dinâmico da rede da economia global mostram taxas de crescimento da produtividade ainda maiores” (Castells, 2005:20). Tal crescimento econômico, na perspectiva do autor, é o indicativo empírico não só da emergência de um novo paradigma econômico, como também aponta a real potencial das redes digitais.

A integração das atividades econômicas em um sistema econômico global apresenta uma série de consequências diretas, positivas e negativas. A primeira delas, como já mencionado, é a velocidade com a qual o capital financeiro se movimenta no interior das redes digitais. Movendo-se na velocidade do sinal eletrônico, o dinheiro transita por todas as regiões do planeta, de modo que, com apenas alguns comandos acionados através de um computador (ou de um simples *smartphone*, que cabe no bolso), é possível transferir enormes quantidades de dinheiro de um local a outro. A segunda consequência, por sua vez, é justamente o volume do capital financeiro movimentado. Hoje, a estimativa é de que apenas o mercado de câmbio movimenta em torno de 5 trilhões de dólares diariamente. Conforme Giddens, movimentações dessa magnitude eram impensáveis algumas décadas atrás, que dirá nas sociedades do passado. Conforme as palavras do autor:

Um milhão de dólares é muito dinheiro para a maioria das pessoas. Medidos na forma de uma pilha de cédulas de cem dólares, teriam mais de vinte centímetros de altura. Um bilhão de dólares – em outras palavras, mil milhões – formariam uma pilha mais alta que a catedral Saint Paul. A pilha de um trilhão de dólares de altura, vinte vezes mais que o monte Everest (Giddens, 2007:20).

A integração das economias nacionais em uma gigantesca rede global também traz como consequência direta a cada vez maior interdependência entre os membros que compõem o sistema econômico global. O efeito imediato dessa conexão é o aumento proporcional das chances de acontecimentos localizados terem consequências globais devastadoras do ponto de vista econômico. Em outras palavras, um dos principais efeitos da maior interdependência global entre os agentes econômicos é o aumento do *risco*. Conforme destaca Beck (2002), a

produção social da riqueza, no âmbito da modernidade avançada, vem acompanhada pela produção social de riscos. Isso significa dizer que, para produzir riqueza, os agentes econômicos internacionais aceitam viver sob a nuvem gigantesca de um conjunto de riscos socialmente produzidos por eles próprios. A interdependência é justamente um desses riscos que paira sobre o sistema econômico global. Vale lembrar, nesse sentido, a recente crise financeira vivida pela Grécia. Com uma população relativamente pequena, cerca de 11 milhões de habitantes (aproximadamente a mesma população do Rio Grande do Sul), a Grécia acumulava, em 2010, uma dívida que girava em torno de 300 bilhões de euros. Essa situação causou enorme comoção no mercado financeiro global. Isso porque a crise grega gerava diretamente um efeito cascata: ela afetava tanto os países da Zona do Euro, com os quais a Grécia mantinha relações comerciais mais diretas (se a Grécia estava em crise, como quitaria suas dívidas com os credores?), mas também, as demais nações que mantinham relações comerciais com os países dessa Zona.

Assim, se por um lado a interconexão das atividades econômicas na era global possibilita a emergência de um sistema econômico mundial que movimentaria diariamente quantias de capital inimagináveis, por outro, os membros desse sistema se tornam cada vez mais interdependentes uns dos outros, de modo que determinadas decisões locais podem resultar em consequências globais. Essa é justamente a questão abordada por Luhmann (1992). Para o sociólogo alemão, o processo de diferenciação da sociedade moderna em um incontável número de sistemas e subsistemas funcionais aumentou drasticamente as possibilidades de ação e de decisão, tornando o mundo um espaço completamente aberto e contingente. E à medida que as possibilidades de decisão aumentam, crescem paralelamente os riscos a elas relacionados. É imprescindível destacar que os ricos não se relacionam apenas à possibilidade de uma dada decisão (ou um evento) poder acarretar consequências drásticas à economia. Muito mais que isso, os riscos estão relacionados a questões altamente complexas. Já há algum tempo, por exemplo, a comunidade científica internacional reconheceu que o refinamento de petróleo, a queima de combustíveis fósseis, a geração de energia, o desmatamento de florestas, enfim, atividades diretamente vinculadas ao desenvolvimento do capitalismo industrial no decorrer do último século, estão diretamente vinculadas ao aumento na emissão de gases de efeito estufa e, conseqüentemente, ao aquecimento global do planeta.

O desenvolvimento de um sistema econômico global, com efeito, está associado a uma série de riscos de natureza muito diversa: possibilidade de uma crise econômica generalizada, de proporção mundial (como a crise da Grécia ou a crise econômica de 2008-2009, por exemplo), mudanças climáticas e aumento no número de eventos climáticos extremos

(furacões, enchentes, secas, verões e invernos mais rigorosos), danos severos e irreversíveis ao meio ambiente (como os crimes ambientais envolvendo o rompimento das barragens em Brumadinho e Mariana, em Minas gerais).

## **Globalização e Estado**

Uma das principais questões relacionadas aos processos de globalização diz respeito ao papel e à soberania dos Estados nacionais no contexto do mundo global. Em outras palavras, a grande pergunta é: até que ponto o modelo tradicional de Estado-nação consegue manter sua soberania na sociedade globalizada?

Como destaca Giddens (2012), na contemporaneidade, as corporações multinacionais dominam imenso poder econômico, tendo a capacidade de influenciar diretamente muitas das decisões políticas adotadas pelos governos. Nesse sentido, considerando o poder e a independência do mercado financeiro frente aos mecanismos de controle da política nacional, alguns autores, como Kenichi Ohmae (1995), afirmam que vivenciamos o fim da era da soberania do Estado-nação, isto é, uma época em que os agentes principais da ordem política nacional não são os governos, mas as grandes corporações multinacionais, as quais ditam o ritmo das decisões políticas.

De fato, no decorrer das últimas décadas, os Estados nacionais perderam uma grande parcela da sua hegemonia. Sobre isso, Beck (1999:41) destaca que, na era global, os Estados perderam boa parte do controle que exerciam sobre suas fronteiras geográficas: “Os Estados nacionais já não podem mais viver trancafiados; suas fronteiras protegidas por armamentos estão esburacadas.” Para o autor, elementos como dinheiro, tecnologia e informação, por exemplo, ultrapassaram as fronteiras nacionais como se elas não existissem. Até mesmo drogas, produtos falsificados e imigrantes ilegais, que por décadas os Estados buscaram manter fora ou dentro de seus limites, romperam os perímetros nacionais na era global. Em uma linha de raciocínio próxima, Luhmann (2006) sustenta que nem mesmo o rígido império socialista-comunista conseguiu fechar suas fronteiras e evitar os entrelaçamentos econômicos, políticos e científicos.

Todavia, se por um lado a globalização reduziu significativamente a hegemonia dos Estados nacionais, por outro, ela não colocou em risco a sua existência. Como aponta Giddens (2012), por maior que seja o poder econômico de uma multinacional, ele não consegue rivalizar com o poder do Estado, pelo menos em dois aspectos: territorialidade e controle dos meios de violência. Praticamente todos os espaços geográficos do planeta estão sob o legítimo

controle de algum Estado. Dessa forma, “Não importa o quão grande possa ser seu poder econômico, as corporações industriais não são organizações militares, e não podem se estabelecer como entidades político/legais que governam uma determinada área territorial” (Giddens, 2012:83).

Para Held *et al* (1991), a emergência da globalização está longe de colocar em risco a existência dos Estados-nacionais. A seu ver, as mudanças significativas que ocorrem na sociedade moderna em decorrência dos processos de globalização devem ser entendidas “menos como o fim da era dos Estados-nação que como um desafio à era dos ‘Estados hegemônicos’” (Held *et al.*, 1991:164). Segundo o autor, um exemplo claro da persistência dos Estados nacionais é o fato de que eles, quando entram em conflito contra outros Estados, tendem a resistir a submeter-se à arbitragem de uma autoridade geral, como a Organização das Nações Unidas (ONU). Um exemplo claro desse poder pôde ser observado em 2003, quando os Estados Unidos e a Grã-Bretanha invadiram o Iraque sem autorização do Conselho de Segurança da ONU.

Assim, ainda que a globalização tenha tornado tênues as fronteiras geográficas, econômicas, linguísticas e culturais que separam os Estados, elas certamente continuam a existir. Como argumenta Ianni (1994:148), “a sociedade nacional continua a ter vigência, com seu território, população, mercado, moeda, hino, bandeira, governo, constituição, cultura, religião, história, formas de organização social e técnica do trabalho, façanhas, heróis, santos, monumentos, ruínas”. É nesse contexto construído nacionalmente que bilhões de pessoas conduzem suas vidas: nascem, estudam, trabalham, criam seus filhos, morrem. A identidade nacional ainda é – e continuará a ser – parte fundamental na constituição das identidades individuais. Todavia, o cenário nacional é apenas uma parcela constituinte da realidade política, econômica e cultural das sociedades contemporâneas. A outra parcela, por sua vez, é marcada pela assimilação da cultura, da língua, da religião, da moeda, do trabalho, enfim, da ordem global. Essa nova faceta da realidade corporifica “um momento epistemológico fundamental, novo, pouco conhecido, desafiando a reflexão e a imaginação de cientistas sociais, filósofos e artistas” (Ianni, 1994:149).

### **Globalização e relações tempo-espaço**

No final do século XIX, época em que os primeiros imigrantes italianos chegaram ao Brasil, a travessia de navio entre a Europa e a América, que cruzava o Atlântico, chegava a

durar 40 dias.<sup>1</sup> Esse evento histórico – a vinda de imigrantes europeus para o território brasileiro – evidencia o quão difícil era transitar de uma região à outra do globo em um passado nem tão distante. Com a comunicação não era diferente: a entrega de correspondências – principal forma de comunicação a distância nas sociedades do passado – poderia durar dias, até mesmo meses, dependendo da distância entre o local de origem e o de recebimento.

Com efeito, historicamente, as sociedades humanas sempre estiveram distantes – espacial e temporalmente – umas das outras. Esse quadro começou a se alterar com o avanço da modernidade. O desenvolvimento de novas tecnologias para transporte e comunicação, sobretudo no decorrer do século XX, acabaram por reduzir drasticamente essas distâncias. A popularização dos aviões a jato comerciais, por exemplo, a partir do pós-guerra, permitiu que viagens que antes duravam dias, e até mesmo meses pelo alto mar, fossem concluídas em questão de horas. As ferramentas informacionais baseadas na internet, por sua vez, tornaram a comunicação instantânea. Hoje, aplicativos para smartphones, mensageiros eletrônicos, serviços de *web* e videoconferência permitem que milhares de pessoas espalhadas pelas regiões mais distantes do globo se comuniquem simultaneamente, compartilhando os mais diversos tipos de textos (imagens, sons, vídeos, jogos etc.).

Na era global, como já mencionado, as fronteiras geográficas se tornaram tênues. Para Bauman (1999), um dos principais aspectos da globalização é justamente o apagamento das fronteiras que separam as regiões do globo. Segundo o autor, “As distâncias já não importam, ao passo que a ideia de uma fronteira geográfica é cada vez mais difícil de sustentar no ‘mundo real’” (Bauman, 1999:19). Como resultado desse processo, as distâncias espaço-temporais que separam aqui/lá deixam de ser concretas para se tornarem uma construção social, refletindo as desigualdades socioeconômicas características da sociedade capitalista. Desse modo, se a revolução tecnológica oriunda da globalização cria, para alguns, uma inigualável sensação de liberdade, frente às restrições físicas de deslocamento espacial; para outros, ela evidencia as limitações da realidade local, as quais os impossibilitam de alcançar as condições necessárias para conseguir ir para outro lugar. “Alguns podem agora mover-se para fora da localidade – qualquer localidade – quando quiserem. Outros observam, impotentes, a única localidade que habitam movendo-se sob seus pés” (Bauman, 1999:25).

Além disso, Bauman denuncia também que, na era global, as “elites móveis” vivem uma vida extraterritorial. Primeiro, porque detém mecanismos eletrônicos que lhes

---

<sup>1</sup> Informação disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/05/viagem-dos-imigrantes-italianos-para-o-brasil-podia-durar-ate-40-dias.html>. Acesso em: 12 mar. 2019.

possibilitam viajar pelo espaço mais rápido do que nunca, ignorando as distâncias geográficas. Segundo, porque vivem “fora deste mundo”, isoladas em suas casas, as quais são construídas protegidas da presença de intrusos indesejados, afastadas até mesmo “do que se possa chamar de uma comunidade local” (Bauman, 1999:26). Por esse motivo, o autor defende que, ao mesmo tempo em que integra, a globalização exclui; se por um lado ela homogeneiza, por outro, polariza e evidencia as desigualdades sociais.

Giddens (2012), por sua vez, sustenta que uma das principais marcas da era global é o fato de que o distanciamento tempo-espaço – isto é, a relação entre eventos locais, de copresença, e a interação através da distância, que conecta presença e ausência – é muito maior hoje do que já fora em épocas passadas. Isso quer dizer, que nunca antes na história eventos locais e acontecimentos distantes estiveram tão interligados. Assim, a globalização é um “processo de alongamento, na medida em que as modalidades de conexão entre diferentes regiões ou contextos sociais se enredam através da superfície da Terra como um todo” (Giddens, 2012:76).

Seguindo essa linha de raciocínio, Giddens define globalização como um fenômeno característico da modernidade, oriundo de um processo, a partir do qual eventos locais começam a ter consequências globais e vice-versa. Nesse sentido, para o autor, a “globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa” (Giddens, 2012:76). Em outras palavras, isso implica dizer que, devido aos mecanismos de desencaixe tempo-espaço, os diferentes contextos sociais estão interligados de tal forma que a vida cotidiana passa a ser determinada não apenas por acontecimentos locais (de copresença), mas também por eventos e decisões tomadas a milhas de distância.

### **Globalização e cultura**

À medida que a globalização diminui as distâncias espaço-temporais entre as regiões do globo, pode ser observada uma tendência de enfraquecimento de traços da cultura local ou nacional, diante da influência de uma cultura global. Hoje, uma grande parcela dos produtos que consumimos diariamente – como roupas, alimentos, músicas, filmes, programas de TV etc. – foram projetados por indivíduos que moram a milhares de quilômetros de nós. Gradualmente, esses produtos começam a fazer parte de nossa identidade cultural.

A globalização está presente em nossas vidas: quando vamos a uma tradicional rede de *fast food*; quando assistimos no cinema a alguma superprodução americana; quando ligamos a televisão para assistir a algum *reality show*, como o *Big Brother* ou *The Voice*, por exemplo; quando efetuamos o download de alguma música que está no topo das paradas de sucesso; quando realizamos uma transação bancária pela internet ou pelo caixa eletrônico; quando bebemos Coca-Cola no almoço; quando, sem nos darmos conta, compramos uma roupa que foi inspirada na coleção de um estilista estrangeiro.

A globalização não apenas apaga traços da cultura local; ela cria novas formas de identidades culturais simbióticas, articulando elementos internos (locais) a elementos externos (globais). É importante destacar, nesse sentido, que tais elementos externos emanam, em suma maioria, de um local específico do mundo: os Estados Unidos (e alguns poucos países do Norte global). Por esse viés, a globalização pode ser observada, até certo ponto, como um processo de “ocidentalização” ou “americanização” da vida cultural.

Todavia, isso não significa dizer que tal processo ocorre sem a resistência da identidade local – o forte sentimento nacionalista vivenciado nos últimos anos em alguns países latino-americanos, como Venezuela, Bolívia, e mais recentemente o Brasil, é um exemplo disso. Também não significa dizer que a globalização é uma via de mão única, que ocorre sempre no sentido do Norte global em direção ao sul. Na verdade, o processo globalizatório é uma via de mão dupla que afeta a vida cultural nos países mais pobres, mas também nos países mais ricos (Beck, 1999; Giddens, 2007). Deve-se à globalização, por exemplo, o fato de que a canção “Ai se eu te pego”, do cantor brasileiro Michel Teló, foi visualizada mais de 850 milhões de vezes no YouTube, foi a 6ª música mais vendida em 2012 no mundo (a frente de artistas norte americanos, como Maroon 5), alcançando o topo da parada de sucessos em 23 países da Europa e da América Latina<sup>2</sup>. É também em virtude da globalização o fato de que telenovelas brasileiras, como *Avenida Brasil*, tenham sido comercializadas para mais de 130 países.

Sobre isso, segundo a perspectiva de Giddens (2007), os efeitos da era global são sentidos tanto pelas nações mais desenvolvidas e industrializadas, como pelos países em processo de desenvolvimento e de industrialização. A “latinização de Los Angeles, a emergência de um setor de alta tecnologia na Índia, ou a venda de programas de televisão brasileiros para Portugal” (Giddens, 2007:26) são um exemplo de que a globalização ocorre em todas as direções, tanto do Norte para o Sul global, como também vice-versa. Ela tem

---

<sup>2</sup> Segundo o relatório Digital Music Report 2013.

alterado a família, a nação, o trabalho, o meio ambiente, tanto de países ricos, como de países pobres.

A globalização, portanto, não ocorre apenas em uma dimensão macro, no plano dos sistemas sociais, ela acontece também em uma dimensão micro, influenciando nos aspectos íntimos de nossa vida cultural. Como afirma Giddens (2007:22), a globalização “não diz respeito apenas ao que está ‘lá fora’, afastado e muito distante do indivíduo. É também um fenômeno que se dá ‘aqui dentro’, influenciando aspectos íntimos e pessoais de nossas vidas.” Para Beck (1999), os efeitos do processo de globalização transformam nosso cotidiano com uma violência inegável, obrigando todos nós a nos acomodarmos à sua presença e a fornecer respostas a esse processo. A globalização, por exemplo, nos obriga a lidar com um constante fluxo ininterrupto de informações. Hoje, as informações que circulam na rede – sejam elas verdadeiras ou falsas<sup>3</sup> – sobre determinados acontecimentos percorrem o mundo em questão de poucos minutos, sendo compartilhadas por milhões de pessoas através das redes sociais. Também se deve à globalização o fato de estarmos conectados à rede praticamente 24 horas por dia. Assim, se logo do início da internet, em meados dos anos 1990, nos conectávamos à rede apenas quando nos sentávamos diante de um microcomputador, hoje, com o desenvolvimento de *smartphones* cada vez mais complexos e inteligentes, repletos de inúmeros aplicativos, estamos sempre conectados.

Essas mudanças, inevitavelmente, influenciam na forma como vemos o mundo e como nos relacionamos socialmente. Estudos apontam, por exemplo, que a chamada “Geração Y”, isto é, a geração dos nativos digitais, nascidos após os anos 2000, apresentam como uma de suas principais particularidades o imediatismo (Tulgan, 2009). Tal imediatismo, característico do mundo virtual, onde impera o agora e a efemeridade das informações, tem levado muitos jovens dessa geração a enfrentarem dificuldades em sustentar relacionamentos conjugais mais sérios, duradouros e que exigem exclusividade de parceiros.

---

<sup>3</sup> Há no mundo inúmeros casos de notícias falsas disseminadas através das redes sociais na internet que foram tomadas como verdadeiras por órgãos oficiais da imprensa. Um dos principais casos brasileiros foi o “CALA BOCA GALVÃO”, ocorrido em 2010, durante a Copa do Mundo de Futebol. A abertura do evento foi transmitida no país, na TV aberta, pela Rede Globo, tendo sido narrada pelo comentarista Galvão Bueno. Internautas brasileiros que assistiam à transmissão disseminaram pelo *Twitter* a expressão “CALA BOCA GALVÃO”, que rapidamente alcançou os *Trend Topics* – ranking mundial com as postagens mais comentadas da rede social. Logo, o sucesso da expressão disseminada pelos brasileiros atraiu a atenção da mídia internacional, que queria saber o significado da mensagem. Alguns *blogs* de humor do país inventaram uma história fictícia de que o “CALA BOCA GALVÃO” se referia a um movimento para salvar uma espécie de pássaros brasileira quase em extinção, o “Galvão” – chegaram até mesmo a criar um vídeo da falsa campanha e postar no *Youtube*. Outros internautas do país também inventaram que a mensagem se referia a um clipe novo da cantora Lady Gaga. O sucesso em torno da piada criada pelos brasileiros foi tamanho, que rendeu publicações no blog do jornal *New York Times* e também nos jornais *El País*, da Espanha e *Clarín*, da Argentina.

## Globalização e o mundo do trabalho

Hoje, milhões de pessoas ao redor do mundo têm como seu sonho de consumo o iPhone, um dos *smartphones* mais comercializados no planeta, produzido pela Apple, empresa de tecnologia estadunidense situada na Califórnia. O que muitas pessoas não sabem, no entanto, é que apesar de ser idealizado no seio do Vale do Silício, o aparelho da Apple é produzido na China, a partir de componentes adquiridos de outros países, como Coreia do Sul, Taiwan, Japão, dentre outros. O processo de produção do iPhone é justamente um dos resultados do processo de globalização da sociedade: a divisão internacional do trabalho.

Em seu processo de expansão, a indústria moderna se espalhou pelo mundo, seja no que se refere à divisão do trabalho – preferindo locais onde a mão de obra é mais barata, como China, Bangladesh e Vietnã – ou à disponibilidade de determinadas matérias-primas e tipos de indústria. Como destaca Harvey (2011), o sistema capitalista tem a necessidade perpétua de encontrar um terreno lucrativo para a produção e a acumulação de capital, deparando-se, nesse percurso, com uma série de obstáculos. As grandes empresas, defende o autor, estão sempre avaliando as vantagens e as desvantagens da produção. Se a mão de obra de uma região se torna escassa ou o salário muito elevado, por exemplo, então, uma nova força de trabalho deve ser encontrada, o que leva a empresa a migrar para outro local. A migração pode ocorrer também quando a matéria-prima se torna escassa, quando há uma queda no consumo, ou ainda, quando há uma redução no acúmulo de capital.

Essa possibilidade de uma empresa instalar suas fábricas em diferentes regiões do globo é uma característica da era global e que acaba por reconfigurar as relações de trabalho. Como destaca Castells (2005), a imagem de trabalho estável, para toda vida, criada durante o *Welfare State* (Estado de Bem-estar Social), gradualmente começou a desmoronar. Hoje, as multinacionais contratam e dispensam trabalhadores em nível global. Elas seguem o fluxo e a instabilidade do mercado mundial, exigindo um constante processo de requalificação da força de trabalho. Todavia, para o autor, isso não significa que a estabilidade do trabalho tenha desaparecido por completo, mas sim que ela só se mantém em meio à flexibilidade, em meio às constantes transformações no cenário econômico e no mundo do trabalho.

Para Boaventura de Sousa Santos (2002; 2013), essa globalização hegemônica protagonizada pelas corporações multinacionais, que acaba por colocar em risco a estabilidade do trabalho e muitos dos direitos históricos adquiridos pelos trabalhadores, precisa ser combatida através de uma *globalização contra-hegemônica*, ou seja, por meio da articulação de práticas globais e translocais de luta e resistência. Segundo o autor, a

globalização contra-hegemônica implica a articulação política global de diferentes movimentos sociais, na busca pela minimização desigualdades e problemas que são locais. Ao mesmo tempo em que está preocupada com questões localizadas, ela consegue resistir de forma global frente à globalização hegemônica. As alianças transnacionais de sindicatos de trabalhadores de uma mesma empresa multinacional que buscam melhorar as condições de trabalho locais são um exemplo de globalização contra-hegemônica. Conforme Santos (2002:74) “É preciso fazer com que o local contra-hegemônico também aconteça globalmente”, de modo que somente assim será possível combater globalização hegemônica conduzida a cabo pelo neoliberalismo.

A globalização contra-hegemônica, defende Santos (2013), é formada por movimentos e organizações sociais que se articulam em nível local, nacional ou global, na luta contra a opressão capitalista e colonialista, contra as discriminações raciais e sexuais, contra a exploração do meio ambiente, contra a violência e a expulsão dos povos indígenas e quilombolas de suas terras, contra a precarização do trabalho etc. Em outros termos, ela implica a articulação política global de diferentes movimentos sociais, buscando minimizar desigualdades e problemas que são locais. Ao mesmo tempo em que está preocupada com questões localizadas, ela consegue resistir de forma global frente à globalização hegemônica.

164

### **Globalização e educação**

Os efeitos da globalização sobre a educação podem ser observados de forma mais evidente no ensino superior. Nas últimas décadas, os sistemas nacionais de educação terciária passaram por inúmeras transformações, sendo a principal delas a massificação. As estatísticas relacionadas ao ensino superior impressionam: o número de estudantes matriculados nesse nível de instrução no mundo saltou de 32 milhões na década de 1970, para mais de 207 milhões atualmente (Schwartzman; 2014; Unesco, 2017). Tal expansão se deve a um conjunto vasto de fatores, sendo um dos principais a pressão exercida por organismos internacionais para que os Estados (especialmente no mundo em desenvolvimento) promovessem o acesso à educação superior a todas as parcelas da população, sobretudo aos grupos historicamente sub-representados nesse nível de ensino. Como destaca Schwartzman (2015), instituições multilaterais, como a Unesco e o Banco Mundial, e privadas, como as Fundações Ford e Rockefeller, além de muitas agências de cooperação internacional criadas nos países desenvolvidos após a Segunda Guerra Mundial, passaram a difundir e apoiar a expansão da educação nos países do chamado “terceiro mundo”.

O resultado dessa pressão global pela expansão do acesso ao ensino superior foi um dramático processo de massificação dos sistemas de ensino. Em muitos países, como o Brasil, esse processo se dá a partir da privatização do ensino, através da presença de grandes grupos financeiros educacionais multinacionais, os quais são responsáveis por gigantescas redes de instituições de ensino superior (IES) privadas com finalidade lucrativa espalhadas pelo globo. O *Laureate International Universities*, por exemplo, um dos maiores grupos educacionais do planeta, com sede nos Estados Unidos, possui uma rede de IES espalhadas por aproximadamente 30 países em todos os continentes. No Brasil, o *Laureate* controla a Uniritter, a Universidade Anhembi Morumbi, as Faculdades Metropolitanas Unidas, dentre outras IES.

A presença desses oligopólios globais de educação vem alterando o panorama do ensino superior em muitas regiões. No Brasil, por exemplo, o crescimento massivo da educação a distância (EAD) – a qual já concentra mais de 20% das matrículas de graduação – tem se dado principalmente no âmbito das IES privadas com fins lucrativos controladas por grandes grupos educacionais. Atualmente, o setor privado responde por mais de 90% das matrículas de graduação a distância.

Mas os efeitos da globalização sobre o ensino superior vão muito além da privatização do ensino e da presença dos oligopólios educacionais. Um dos resultados da emergência de uma sociedade globalizada é também a internacionalização da educação terciária. A internacionalização do ensino superior deve ser vista como o resultado das forças econômicas, políticas e sociais da era global (Altbach, 2015), envolvendo uma ampla complexidade de práticas acadêmicas de natureza diversa, tais como: a oferta de programas de estudo no exterior por universidades tradicionais; a criação de redes de cooperação internacional entre as instituições de ensino; a adoção de parâmetros de avaliação internacionais; as redes de intercâmbio de alunos; o oferecimento de oportunidades de trabalho e estudo para pesquisadores, docentes e discentes estrangeiros; a criação de parcerias entre universidades e centros de pesquisa aplicada com investidores estrangeiros; a importação/exportação de produtos e serviços produzidos por IES, dentre uma série de outras práticas.

No contexto da internacionalização do ensino superior, merece destaque o fluxo global de estudantes estrangeiros. Dados do Instituto Para Estatística da Unesco<sup>4</sup> revelam que o número de alunos matriculados em IES fora de seu país de origem vem aumentando consideravelmente, saltando de 2 milhões, no ano 2000, para 4,8 milhões em 2016, um

---

<sup>4</sup> Confira em: <http://uis.unesco.org/>

acréscimo de 140% no período. O principal destino continua a ser o Norte global, sobretudo os Estados Unidos. Por sua vez, a China é o país com maior fluxo de estudantes para o estrangeiro. Em 2016, mais de 869 mil alunos chineses se matricularam em IES de outros países (35% nos Estados Unidos, 14% na Austrália e 10% no Reino Unido).

A internacionalização do ensino superior, com efeito, processo motivado pelas forças da era global, vem modificando significativamente o panorama internacional da educação terciária. Hoje, circular pelo campus de uma grande universidade significa se deparar com uma grande diversidade cultural, social e linguística. As IES, por sua vez, em decorrência das consequências da globalização, foram obrigadas a rever muitas de suas práticas acadêmicas tradicionais. As instituições que não têm conseguido lidar ou simplesmente têm resistido aos desafios e às mudanças da era global, e correm o risco sério de serem soterradas pela avalanche dessas transformações (Barber; Donnely; Rizvy, 2013).

### **Considerações finais**

Por fim, cabe ressaltar que em momento algum este ensaio procurou – com as suas poucas páginas – esgotar a temática em questão. Na verdade, cada um dos seis eixos de reflexão aqui apresentados, certamente, merecem um ensaio à parte, dada a complexidade do assunto. O intuito do ensaio, acima de tudo, foi demonstrar como a globalização se caracteriza como um fenômeno altamente complexo, que acabou por alterar, profundamente, as diferentes dimensões da vida social.

Para além das análises mais eufóricas e otimistas (as quais normalmente atribuem à globalização um conjunto de consequências positivas, tais como, abertura dos mercados, eliminação das distâncias físicas, novas formas de interação social etc.), e também das abordagens mais céticas e pessimistas (para as quais a globalização é a causa direta de um vasto conjunto de problemas sociais, como aquecimento global, aumento das desigualdades socioeconômicas, dissolução das culturas locais, precarização do trabalho etc.) está o fato de que os processos de globalização fazem parte da realidade do mundo contemporâneo, influenciando direta ou indiretamente, seja com consequências negativas ou positivas, a vida cotidiana de todos nós.

Nesse sentido, fugindo do escopo de abordagens maniqueístas baseadas em meras ideologias políticas, cabe à sociologia, como disciplina do conhecimento científico que é, mobilizar conceitos e categorias analíticas que possibilitem a compreensão, de forma

coerente, acerca de como esse fenômeno social altamente complexo afeta diariamente a vida de bilhões de pessoas em todo o planeta.

## Referências

- BARBER, Michael; DONNELLY, Katelyn; RIZVI, Saad (2013), *An Avalanche is Coming*. Higher Education and the Revolution Ahead. London, IPPR.
- BAUMAN, Zygmunt (1999), *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro, Zahar.
- BECK, Ulrich (1999), *O que é globalização? Equívocos do globalismo, respostas à globalização*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- BECK, Ulrich (2002), *La sociedad del riesgo. Hacia una nueva modernidad*. Barcelona/Buenos Aires/México, Paidós.
- CASTELLS, Manuel (2005), “A sociedade em rede”, in M. Castells, G. Cardoso (Orgs.), *A sociedade em rede: do conhecimento à ação política*. Conferência. Belém (Por), Imprensa Nacional.
- GIDDENS, Anthony (2007), *Mundo em descontrolado*. 6.ed. Rio de Janeiro, Record, 2007.
- GIDDENS, Anthony (2012), *As consequências da modernidade*. São Paulo, UNESP.
- HARVEY, David (2011), *O enigma do capital: e as crises do capitalismo*. São Paulo, Boitempo.
- HELD, David. et al (2003), “Global Transformations – Introduction”, in D. Held, David, A. McGrew (Eds.), *The Global Transformations Reader: an Introduction to the Globalization Debate*. Cambridge, Polity Press.
- IANNI, Octávio (1994), “Globalização: Novo paradigma das ciências sociais”. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 21, pp. 147-163 [Consult. 13-01-2020]. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/09.pdf>
- LUHMANN, Niklas (1992), *Sociología del riesgo*. Guadalajara/Jalisco/México, Universidad Iberoamericana/Universidad de Guadalajara.
- LUHMANN, Niklas (2006), *La sociedad de la sociedad*. Ciudad de México, Editorial Herder.
- OHMAE, Kenichi (1995), *O fim do Estado-Nação: a ascensão das economias regionais*. Rio de Janeiro, Campus.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2002), *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo, Cortez.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2013), *Se deus fosse um ativista dos direitos humanos*. São Paulo, Cortez.
- SCHWARTZMAN, Simon (2014), “A educação superior e os desafios do século XXI: Uma Introdução”, in S. Schwartzman (Org.), *A educação superior na América Latina e os desafios do século XXI*. Campinas, Editora Unicamp, pp. 15-46.
- SCHWARTZMAN, Simon (2015), “Demanda e políticas públicas para o ensino superior nos BRICS”. *Caderno CRH*, v. 28, n. 74, pp. 267-89 [Consult. 13-01-2020]. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ccrh/v28n74/0103-4979-ccrh-28-74-0267.pdf>

TULGAN, Bruce (2009), *Not everyone gets a trophy: how to manage generation Y*. San Francisco, John Wiley Trade.

UNESCO (2017), *Six ways to ensure higher education leaves no one behind*. Policy Paper 30 [Consult. 13-01-2020]. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247862>

---

### Abstract

This article aims to build a sociological reflection about globalization, undoubtedly one of the concepts most used in the vast field of human and social sciences over the last three decades. The analysis is conducted based on the theoretical view of authors who, in a more or less profound way, dedicated themselves to the analysis of this subject. For this, six axes of reflection were chosen: 1- globalization and economy; 2- globalization and State; 3- globalization and time-space relations; 4- globalization and culture; 5- globalization and the world of work; 6- globalization and education. This work aims to reflect, although briefly, on the consequences of the forces of the global era on these different dimensions of social life.

Keywords: Globalization; Society; Modernity.

---

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo principal construir una reflexión sociológica acerca de la globalización, sin duda, uno de los conceptos más empleados en el vasto campo de las ciencias humanas y sociales en el transcurso de las últimas tres décadas. El análisis es conducido con base en la mirada teórica de autores que, de forma más o menos profundizada, se dedicaron al examen del tema en cuestión. Para ello, se eligieron seis ejes de reflexión: 1- globalización y economía; 2- globalización y Estado; 3- globalización y relaciones tiempo-espacio; 4- globalización y cultura; 5- globalización y mundo del trabajo; 6- globalización y educación. La intención del trabajo es reflexionar, aunque brevemente, sobre las consecuencias de las fuerzas de la era global sobre esas diferentes dimensiones de la vida social.

Palabras-clave: Globalización; Sociedad; Modernidad.

---